

Lord Byron assombra a cozinha

Lord Byron haunts the kitchen

Luciano Lunkes

Unilasalle, Canoas, RS, Brasil
<https://orcid.org/0000-0001-7344-6896>

Resumo: O presente artigo investiga o arquétipo literário de Lord Byron na qualidade de ferramenta ficcional utilizada para compor o *chef* protagonista de *Cozinha Confidencial: uma aventura nas entranhas da culinária*, obra autobiográfica de Anthony Bourdain (1956-2018), bem como a ocorrência de uma guinada discursiva nas autobiografias de *chefs* celebridades desse novo milênio. Para a discussão, recorro a reflexões dos seguintes autores: Pierre Bourdieu (O poder simbólico), Chris Rojek (Cultura da celebridade), Myriam Bendhif-Syllas (*Une histoire de l'écrivain maudit*) e Franca A. Berllasi (Burroughs's Re-Invention of the Byronic Hero).

Palavras-chave: Anthony Bourdain; Lord Byron; Memória cultural.

Abstract: *This article investigates the archetype of Lord Byron as a fictional tool used to compose the protagonist chef of kitchen Confidential: Adventures in the Culinary Underbelly, the autobiography of Anthony Bourdain (1956-2018), as well as the occurrence of a discursive turn in the autobiographies of celebrity chefs of this new millennium. For the discussion, I turn to the following authors: Pierre Bourdieu (Symbolic power), Chris Rojek (Celebrity culture), Myriam Bendhif-Syllas (Une histoire de l'écrivain maudit) and Franca A. Berllasi (Burroughs's Re-Invention of the Byronic Hero).*

Keywords: Anthony Bourdain; Lord Byron; Cultural Memory.

Introdução

O presente artigo deriva de uma pesquisa de doutorado em Memória Social, que analisou as narrativas autobiográficas de três *chefs* celebridades sob a ótica da memória cultural, da cultura da celebridade, da cultura do espetáculo e da performatividade. As obras e seus autores são: *Cozinha Confidencial: Uma aventura nas entranhas da culinária*, do americano Anthony Bourdain (2000); *Pois não, chef*, do etíopiano-sueco-americano Marcus Samuelsson (2012); e *Conselhos a um jovem chef*, do franco-

americano Daniel Boulud (2004). O estudo investigou a forma como esses cozinheiros-autores mobilizaram suas memórias pessoais para construir representações de si como *eus-chef* alinhados às demandas da cultura da celebridade e do espetáculo. Além disso, a tese procurou também abordar os significados culturais dessas narrativas, bem como as subjetividades articuladas, as identidades construídas e o papel da memória e da transmissão cultural nesses discursos.

Livros de culinária são tão antigos quanto a própria noção de cozinha. Cada era procurou registrar, por intermédio da escrita, saberes notáveis e trajetórias excepcionais de seus maiores artífices. Assim, foram capturados, através do tempo, os modos inusitados de conceber as artes culinárias de figuras como Camêre, Vatel, Bousse, Escoffier, Point, Ducasse, entre tantos outros. Seus registros autobiográficos entregavam, aos leitores, personalidades culinárias aristocráticas, bem compostas, raramente ambíguas, portadoras de *know-hows* dignos de admiração, imitação e cobiça. Contudo, a excepcionalidade dos protagonistas – até então esperada e encontrada nesses tipos de registros mais tradicionais – passou a contrastar radicalmente com versões mais modernas e inusitadas dentro do gênero culinário-autobiográfico. Dentre essas últimas, paira, acima de todas, a autobiografia de Anthony Bourdain (1956-2018), um dos *chefs* estudados na pesquisa e tema central do presente artigo. Considerada um marco do gênero culinário autobiográfico, a obra perturbadora do americano subverteu antigas lógicas de narração do eu-*chef* – conhecidas, até então – e tornou ambos, criador e criatura, celebridades globais instantâneas e os mitos fundadores de uma nova tendência discursiva dentro do campo.

A pesquisa de doutorado se debruçou, então, sobre essa obra e as de outros dois *chefs* celebridades, procurando entender as lógicas que operam nos meta-discursos mais recentes da gastronomia espetacular. Como pressuposto inicial, o estudo tomou essas narrativas como produtos culturais deliberadamente pautados por uma agenda que objetiva o marketing pessoal de seus autores, bem como a promoção e o consumo de suas “marcas-pessoa”. Por essa razão, assumimos que, embora o pacto com a verdade seja explicitamente expresso pelos *chefs*, essas obras extrapolam o desejo de simplesmente narrar o vivido, sendo construídas com um estilo baseado na grandiloquência, no excesso de teatralização, na espetacularização de um eu-*chef* imaginado, supostamente autêntico, singular, cobiçável, cujo intuito é provocar a imaginação dos leitores.

Embora aparentemente voltados ao entretenimento fácil e desprezioso das massas, esses textos cintilantes do mercado editorial também carregam, em seu bojo, uma série mensagens subliminares endereçadas (não inocentemente) aos seus leitores, aos concorrentes, aos pares, à mídia, ao mercado, ao futuro. Por outro lado, essas mensagens estão presentes no texto com uma camuflagem suavizada e celebratória,

cujo objetivo é encobrir as tensões de uma cultura com sujeitos em batalha, os quais disputam, entre si, pelo monopólio do campo ou, quando menos, pela conquista de algum espaço dentro dele.

A observância mais atenta aos labirintos e deslizes discursivos dessas obras levou a pesquisa a bater à porta de importantes tópicos que estão presentes dentro do campo, como racismo, supremacia branca, colonialismo, eurocentrismo, orientalismo, hibridismo, etnofobia, patriarcalismo, gosto de classes, apropriação do saber feminino, desigualdade de gênero, entre outros. No recorte apresentado no presente artigo, o foco recai sobre a questão da disputa pelo poder simbólico (BOURDIEU, 1989), que nos levará, oportunamente, ao personagem-constructo de Bourdain.

É notório que, dentro de qualquer campo do saber, o capital simbólico se constitui em ferramenta vital para a conquista e a manutenção de posições hegemônicas. Em certos setores da esfera social, a arte faz-se a medida simbólica de certificação desse poder. No espaço da alta gastronomia, um segmento da cultura recentemente empoderado pelo *status* de arte, a aproximação entre o fazer culinário e os cânones da memória cultural é fundamental para a confirmação, potencialização e sedimentação dessa nova posição de destaque, conquistada na década de sessenta, com o advento da *Nouvelle Cuisine* e o surgimento de uma nova era em que a sociedade passou a não se reconhecer fora do espetáculo, conforme tão bem detectado pelo teórico francês Guy Debord.

Nesta nova ordem, o mero “fazer arte”, por si só, passou a não bastar mais para assegurar as posições de destaque nos platôs mais ambiciosos do cozinhar. Faz-se necessário, agora, também delimitar bem esse espaço, demarcando cada posição dentro dele. Torna-se vital, acima de tudo, determinar quem são os verdadeiros artífices da chamada “cozinha de verdade” para separá-los daqueles que são considerados frequentemente como “o resto”: as cozinheiras nutricionais e domésticas, os estigmatizados cozinheiros étnicos, os *gourmands* criativos de final de semana. Para os cartolas do cozinhar, o reconhecimento efetivo de seus “fazeres artísticos” não advém do simples ato de cozinhar. Ele é produzido, culturalmente, pelo acréscimo de outras duas condições: a encenação de um “cozinhar artístico” e o uso de uma “linguagem artística”. Em outros termos, retórica e persuasão são peças fundamentais do jogo destinado a produzir a representação cultural de um *chef*-celebridade.

Fora do ambiente ficcional de suas autobiografias - é necessário dizê-lo -, os *chefs* de meu estudo são, eles mesmos, profissionais da cozinha indiscutivelmente relevantes. Por outro lado, os personagens-culinários representados em suas biografias são criações imaginárias ultra-dimensionadas, hipérboles da arte auto-celebratória. Em seus projetos performáticos, que visam potencializar suas magnitudes, eles convocam grandes nomes da memória cultural do ocidente, mobilizando, para si, parte do capital simbólico que

esses gigantes irradiam. A lógica que opera aqui é bastante simples: “diga-me com quem andas que te direi quem és”. A memória cultural tornou-se, na nova lógica, o grande celeiro simbólico ao qual boa parte dos profissionais-que-se-narram recorrem para compor e legitimar as posições que ocupam ou que desejam ocupar.

Enquanto Marcus Samuelsson, o primeiro cozinheiro negro a ter sucesso no âmbito da alta gastronomia novaiorquina (e isso ocorre mediante a irrevogável condição de ele ser um “negro para consumo branco”, conclui a pesquisa) se metamorfoseia em um avatar de Martin Luther King, Daniel Boulud, o nobre representante francês, pincela sua autorrepresentação com as cores de cozinheiro aristocrático e com a aura de um dos maiores poetas do romantismo alemão: Rainer Maria Rilke. Talvez por não possuir o mesmo capital culinário capaz de colocá-lo em pé de igualdade com seus concorrentes, o “fracassado” Anthony Bourdain (expressão dele próprio) partiu para outras estratégias, apostando suas fichas na vinculação de sua imagem com a arte canônica e com a ideia da transgressão, construindo, desta forma, seu ilustre *chef* à luz de uma anti-herói arquetípico das letras consagradas: Lord Byron. É, portanto, na pele de “Lord Bourdain” que uma das figuras mais canônicas e conspícuas do romantismo britânico reencarna – desta vez na cozinha. O monocórdico espaço das autobiografias de *chefs* adquire, assim, novas formas de subjetivação e de entretenimento.

Tendo em vista esta contextualização, nas próximas seções deste artigo, o foco das reflexões e análises estará na centralidade adquirida pelo arquétipo de Lord Byron na construção midiática do *chef* estadunidense Anthony Bourdain (1956-2018). Antes de trazer essa reflexão, contudo, faz-se necessária uma breve apresentação descritiva da própria obra autobiográfica desse *chef* contraventor, “Cozinha Confidencial”, de modo a contextualizar as reflexões posteriores para o leitor que desconhece a narrativa.

O herói bordainiano

Nos primórdios do ano 2000, Anthony Bourdain lança *Cozinha Confidencial: uma aventura nas entranhas da culinária*, seu primeiro livro de não-ficção. A obra tornou-se, instantaneamente, um fenômeno mundial de vendas. O êxito lançou Bourdain ao patamar instantâneo de celebridade global. O fato, até então inédito, tomou a indústria editorial de surpresa. Não se tratava unicamente da publicação de um *chef* anônimo ao grande público e desprezado pelos pares, mas, sobretudo, de um registro pouco comum de um profissional de cozinha que acumulava, em sua trajetória de cozinheiro, o histórico (pouco honroso) de sucessivos fracassos. Além disso, o tom escandaloso-confessional de *Cozinha Confidencial*, que expunha as entranhas de uma cultura habitada por chefs e cozinheiros “psicopatas” e “pervertidos” tornava a leitura vertiginosa.

Como já foi dito anteriormente, as autobiografias “clássicas” de *chefs* celebridades eram produtos culturais a serviço de uma racionalidade de mercado “mais antiga”, que atendia às modestas demandas de um público sedento por histórias de vida de cozinheiros consagrados, que chegavam às vitrines midiáticas devido ao reconhecido conjunto de seus atributos profissionais, pessoais e artísticos.

Paradoxalmente, *Cozinha Confidencial* nasce de outra racionalidade, que acusa, em sua nascente, a cabal inexistência de qualquer “vida-Bourdain” dentro de um firmamento estelar que abrigava, até então, um seletivo e exclusivo grupo de cozinheiros notáveis e dignos de exposição. Com o *big bang* autoficcional escandaloso de Bourdain, essa ordem acabou por desestabilizar o ambiente e impor novas realidades.

O talento narrativo de Bourdain e sua intimidade com as artes da escrita são consenso entre a mídia e o público. Em várias entrevistas e matérias disponibilizadas na rede, o *chef* é convidado a discutir sobre seus autores prediletos e revelar aqueles que foram determinantes para sua escrita. Entre os citados, encontram-se importantes expoentes da Geração Beat, como William S. Burroughs, autor de *Naked Lunch* (a quem Bourdain confessa ter tentado imitar) e Hunter Thompson, autor de *Medo e delírio em Las Vegas* e a maior influência confessada de Bourdain.

Estamos, portanto, frente à obra de um *chef*-autor cujo capital literário supera o tom fantasmagórico, estereotipado e enfadonho das escritas de Boulud e Samuelsson. Se, por um lado, o conteúdo chocante de *Cozinha Confidencial* foi determinante para seu sucesso, a forma como Bourdain o descreve é ainda mais decisiva. Seu estilo cáustico, sórdido, apurado, mefistofélico, absurdamente bem-humorado e repleto de referências culturais das décadas de 1960, 70 e 80 constitui, possivelmente, o maior “capital culinário” de Bourdain. Com ele, nasceu o “*bourdainês*”, termo criado pelo jornalismo americano para identificar a enxurrada de narrativas que surgiram à sua sombra.

Ao invés de considerá-lo um “cozinheiro que escreve” ou finge que o faz, abordamos Bourdain e sua autoficção sob a perspectiva do “escritor que cozinha”. Independentemente do real valor literário de *Cozinha Confidencial: Uma aventura nas entranhas da culinária*, levamos em consideração o fato de que sua escrita foi aclamada por um segmento da mídia *mainstream* e obteve grande número de leitores ao redor do mundo.

Notamos que, em toda a extensão de *Cozinha Confidencial*, há fortes referências ao movimento beat, tanto no conteúdo da narrativa quanto no estilo literário de Bourdain, um assunto bem explorado pela mídia. Contudo, não encontramos na internet qualquer tipo de referência explícita que comparasse Bourdain com Byron ou com o arquétipo de seu herói, apesar da ocorrência da seguinte fala de seu texto

autoficcional: “nutri uma visão romântica, ainda que imperfeita de mim mesmo, como se eu fosse uma espécie de Byron ultraviolento e pirado” (BOURDAIN, 2016, p. 63).

Apesar de Bourdain abrir a brecha, se comparando a Byron, a mídia ignorou a menção e preferiu lhe dar a alcunha de “Elvis da cozinha”. Para a presente pesquisa, o espelhamento entre ambos é evidente. Acreditamos veementemente que Byron estava presente no horizonte mental de Bourdain e que o cozinheiro recorre a esse modelo narrativo de forma deliberada, ciente de seu efeito arrebatador sobre as subjetividades do público.

A figura emblemática de Byron é bastante recorrente nas artes. Para Berllasi (2016), o poeta do romantismo gótico inglês é uma figura duradoura na literatura e na cultura popular do Ocidente e continua a influenciar novas safras de escritores e artistas “malditos”. Sendo assim, a persona de Bourdain será, a partir desse momento, lida sob a ótica do herói byroniano. Queremos entender a influência do arquétipo enquanto ferramenta de escolha que o *chef* aderiu à sua fachada de personificação.

O herói byroniano

“Poucos homens das letras são felizes”. Esta é uma expressão chavão que povoa abundantemente a literatura e satura as representações mentais, pictóricas e literárias do escritor, segundo Bendhif-Sillas (2005). Para ela, a imaginação coletiva assume que o verdadeiro escritor é aquele em constante luta contra um sofrimento, à porta da loucura, do suicídio, do aniquilamento pelas drogas e pelo álcool, atordoado pela miséria, pela rejeição e pela incompreensão. Desta forma, o sofrimento do autor seria um princípio de criação, que participa da ficção enquanto personagem em si. Embora inicialmente ligado à figura do escritor infeliz, esse “misticismo do sofrimento” pode, por contágio, estar ligado a qualquer outro escritor, segundo ela.

Para Bendhif-Sillas (2005), o mito do escritor sofredor cumpre duas funções primordiais na imaginação daqueles que sucumbem a ele. A primeira delas incita o escritor a mostrar as entranhas de seu flagelo e, assim, lucrar com ele. Já a segunda função confere sentido à sua aflição, permitindo-lhe “conceber o sofrimento como uma marca de escolha e um penhor de fama por vir”. Na confluência dessas duas funções, o imaginário do leitor produz uma dedução: o escritor é infeliz, portanto, legítimo. Isso nos leva à Bourdain. Considerando que ambas as funções do mito sofredor ressoam, de fato, em sua obra, imaginamos que o leitor passe a assumir que Bourdain é legítimo. Entendemos, também, que o apelo e o sucesso de sua obra têm essa “legitimidade” construída com base no arquétipo do sofredor, uma vez que, em *Cozinha Confidencial*, o personagem de Bourdain é um grande sofredor, um sujeito acometido pela

Weltschmerz. Embora bem-humorado, seu teatro descortina as entranhas de um sujeito soturno, torturado, depressivo-compulsivo, sádico, masoquista.

Por outro lado, apesar de sua persona desconcertante e pouco edificante, tanto a mídia quanto o público o reverenciaram, justificando sua preferência por ele enquanto “celebridade culinária” com base em julgamentos subjetivos que o consideraram “*the real guy and a free man*”, o cara real, o sujeito livre, o cozinheiro verossímil, portanto, legítimo. Teria o martírio atuado como um componente nesses julgamentos paradoxalmente positivos sobre Bourdain? Uma resposta afirmativa é possível. Bendhif-Sillas (2005) sustenta que a retórica do sofrimento é uma estratégia a que escritores, ansiosos pelos benefícios da glória e do reconhecimento, recorrem de forma premeditada:

Esse livro me rendeu uma boa grana depois de uma vida inteira contando trocados, passando de restaurante em restaurante, lutando para sobreviver, depois de ter abandonado fazia tempo qualquer pretensão de algum dia atingir o olimpo gastronômico (BOURDAIN, 2016, p. 21).

Embora Bourdain afirme que sua obra está regida pelo *status* da verdade (e a isso é creditado parte de seu sucesso), acreditamos que seu *chef*-contraventor de *Cozinha Confidencial* é a personagem de um teatro muito bem calculado, a encenação de uma representação, ou, ainda, a reatualização de uma memória literária e arquetípica. Há indícios que suportam essa afirmativa. Se nos ativermos ao oceano de entrevistas disponibilizadas na web, encontraremos um Bourdain bem mais conservador e comportado do que o “*real guy*” tresloucado e desgovernado de *Cozinha Confidencial*. Sua justificativa para encobrir a fenda existente entre o Bourdain fictício (supostamente “real” para as massas) e a celebridade midiática de “carne e osso” baseava-se na lógica de que “as coisas estão diferentes agora. Eu mudei. Fui obrigado a isso. Aprendi, valha-me Deus, a me comportar” (BOURDAIN, 2016, p. 19). Essa é uma justificativa, no mínimo, curiosa, em se tratando de um ateu confesso. Contudo, o teatro de Bourdain não convenceu a todos. Alguns jornalistas procuraram desmistificar o mito de persona indômita e subversiva colado à sua figura. Em um artigo redigido para o jornal *The Denver Post*, por exemplo, o *chef* Jonh Broening (BROENING, 2010) compara Bourdain a Oscar Wild, chamando a ambos de “moralistas disfarçados de libertinos”.

Voltando a Byron, não há dúvidas de que, embora distintos e apartados, os universos de Bourdain e do poeta inglês coincidem em tantos pontos que superam o mero acaso. Byron fornece um modelo previsível e lucrativo para Bourdain. Se, por um lado, o arquétipo do herói byroniano já era um velho conhecido da literatura e das artes quando Bourdain redigiu seu livro, para a gastronomia, ele era ainda um estrangeiro, um alóctone com potencial altamente explosivo e, por isso, assombrou. Traçaremos, na sequência, alguns paralelos entre Byron e Bourdain, sem desenvolvê-los necessariamente, deixando que a narrativa elucidativa de Bourdain fale por si só. Em

nosso auxílio, recorremos ao artigo *A reinvenção do herói byroniano em Burroughs*, de Franca A. Berlassi (BERLASSI, 2016). Nele, a autora fala sobre as características do herói byroniano, estabelecendo conexões entre os estilos narrativos de Byron e de William S. Burroughs. Sabemos que Byron influenciou alguns escritores da Geração Beat, em especial, Burroughs, uma grande referência para a escrita de Bourdain, como foi afirmado anteriormente.

Na vida real, Byron era um aristocrata boêmio, bissexual, promíscuo e incestuoso; um mentiroso cruel e usuário compulsivo de drogas e álcool; um sujeito “louco, mau e perigoso”, segundo as palavras de lady Caroline Lamb, uma de suas amantes (VIEIRA, 2011). Bourdain, para comparar, também chama a comunidade dos chefs novaiorquinos de uma subcultura “incestuosa”, e “sodomita” (p. 26). Diz, também, que todo o cozinheiro é um “psicopata” (p. 95). Pesquisas mais recentes diagnosticaram Byron como um indivíduo com propensão à psicopatia e à síndrome de Asperger, um tipo de autismo que afeta a socialização. Bourdain, segundo as palavras dele, tinha, desde cedo, tendências “criminosas” precoces, propensão incontrolável ao ilícito. Filho mimado e sem limites de pais da classe média novaiorquina bem estabelecida, Bourdain se apresenta como um jovem entediado, rebelde, mentiroso, tempestuoso, agressivo. Durante os verões, seus pais o levavam para passar férias na casa de parentes na França, onde ocorreram as primeiras experiências culinárias (transgressoras) que o levariam a escolher a cozinha profissional como seu estilo de vida, “marginal” e “delinquente”:

[A ostra] tinha gosto de água do mar e também de futuro. Tudo passou a ser diferente. [...] viciiei-me na hora [...] eu me tornara um homem. Eu tivera uma aventura, havia provado do fruto proibido, e tudo o mais que havia provado em minha vida – a comida, a longa e quase sempre estúpida perseguição autodestrutiva da próxima coisa, fossem drogas, sexo ou alguma outra sensação nova -, tudo brotaria deste momento (BOURDAIN, 2016, p. 40).

Ainda associo o gosto de ostra com aqueles dias gloriosos de atividades ilícitas no fim da tarde. O cheiro dos cigarros franceses, o gosto da cerveja, a sensação inesquecível de fazer algo que eu não deveria (BOURDAIN, 2016, p. 41).

Aos dezoito, eu era um jovem totalmente indisciplinado [...] passava a maior parte do tempo bebendo, puxando fumo e fazendo o possível para entreter, indignar, impressionar e penetrar quem quer que fosse idiota o bastante para me achar divertido. Eu era - para ser franco – um garotão mimado, infeliz, narcisista e autodestrutivo, sem a menor consideração pelos outros [...] desnorreado e sem leme. (BOURDAIN, 2016, p. 43).

No âmbito biográfico, podemos traçar vários paralelos entre Byron e Bourdain. Ambos são celebridades notórias, famosas pelo caráter contraventor. A fama os atingiu de forma inesperada e repentina. Há uma frase conhecida de Byron em que ele diz que acordou um dia pela manhã e se descobriu famoso. A seu modo, Bourdain reproduz a fala de Byron:

Lord Byron assombra a cozinha

“Com certeza, a melhor parte dessa fama inesperada é o reconhecimento de que o espírito fora-da-lei sobrevive” (BOURDAIN, 2016, p. 21).

O “espírito fora-da-lei” de ambos os levou a cultivar uma vida à margem da sociedade, onde suas leis individuais passaram a substituir as convenções sociais. Certo e errado eram noções subjetivas:

Aqueles caras eram mestres do crime, atletas sexuais [...] bandoleiros, corsários, safados, pareciam todos **jovens príncipes**. A vida de um cozinheiro era uma vida de aventura, de saques, pilhagens e curtidão, uma viagem pela vida, com um **menosprezo descuidado por toda a moralidade convencional**. A mim, do outro lado do balcão, parecia maravilhoso. (BOURDAIN, 2016, p. 47).

Insurreição? Um desafio direto à minha autoridade? Não tenha dúvida, meu caro, de que chegará a hora de você ser jogado pela amurada. Eu não hesito em conspirar, arquitetar, manipular, manobrar e trair [...] sejam quais forem os resultados disso para sua pessoa (BOURDAIN, 2016, p. 324).

Eu paparico meus vigaristas, quando não os estou ameaçando. Encanto-me visivelmente com seus excessos extracurriculares e suas tendências antissociais. Minha paixão pelo caos, pela conspiração e pelo lado obscuro da natureza humana colore o comportamento de meus pupilos, boa parte dos quais já vive muito próximos às fimbrias da conduta aceitável. (BOURDAIN, 2016, p. 331).

Suas vidas sexuais, libidinosas e “licenciosas”¹ andavam de mãos dadas com o uso descontrolado de drogas, álcool e outras substâncias proscritas:

Fumávamos maconha, cheirávamos um pouco de pó, engolíamos uns ácidos e tomávamos banhos de sol nus, além de nos entregarmos a outras atividades juvenis igualmente saudáveis (BOURDAIN, 2016, p. 44).

Quando o restaurante fechava, assumíamos o controle do bar, entornávamos garrafas de Cristal – compradas a preço de custo – e esticávamos gordas carreiras de coca de uma ponta a outra do bar, que eram cheiradas de gatinhas no chão. Os elementos mais bonitinhos e degenerados da cozinha ficavam com a gente, de modo que havia muita “trepção” na despensa e nos “bancos” – os sacos de farinha eram palcos populares para cópulas pós-serviço. [...] terminávamos de consumir o que estivesse rolando no trem mesmo e desmaiávamos na praia. Quem por acaso acordasse por algum motivo dava uma virada nos outros para que o bronzeado ficasse por igual. Quando voltávamos para o trabalho, com areia no cabelo, parecíamos morenos, descansados e prontos para mais. Nós nos considerávamos uma tribo. (BOURDAIN, 2016, p. 171).

Vivíamos pirados da manhã à noite e sempre que dava uma brecha íamos até o almoxarifado para “formular” conceitos. Dificilmente uma decisão era tomada sem drogas. Maconha, barbitúrico, cocaína, LSD, cogumelos alucinógenos embebidos em mel para adoçar o chá, Seconal, Tuinal, bolinha, codeína e, cada vez mais, heroína, que nós mandávamos um cumim hispânico buscar no East Village (BOURDAIN, 2016, p. 170).

¹ Embora heterossexual, Bourdain dá a entender, em algumas passagens, não se ater a convenções rígidas neste sentido.

Tanto Byron quanto Bourdain eram sujeitos compulsivamente hedonistas e autodestrutivos:

Seu **corpo** não é um templo, mas um **parque de diversões** (BOURDAIN, 2016, p. 107).

Eu quero tudo. Quero experimentar de tudo pelo menos uma vez (BOURDAIN, 2016, p. 110).

Muitas vezes olho para trás, em busca daquela encruzilhada na estrada, tentando descobrir onde foi, exatamente, que **enveredei pelo mau caminho** (ele grifa “enveredei pelo mau caminho”) e me tornei um fissurado das emoções, **um sensualista faminto de prazer**, sempre tentando chocar, divertir, aterrorizar e manipular, **tentando preencher aquele vazio da alma com alguma coisa nova** (BOURDAIN, 2016, p. 41-41).

Alguma coisa precisava mudar. Eu tinha que achar o prumo. Já estava bancando o equivalente culinário de o **Holandês Voador** havia bastante tempo, vivendo uma meia vida sem futuro em vista, apenas flutuando de sensação em sensação (BOURDAIN, 2016, p. 206).

O herói byroniano é definido como um desajustado social que desafia a autoridade institucional opressora:

Às vezes é até bom saber como é o fundo-do-poço, do tipo de comportamento animalesco que você é capaz em tempos de crise extremas. Isso torna o almoço com algum imbecil de Hollywood – ou uma entrevista com um âncora televisivo entupido de botox – uma tarefa bem mais fácil (BOURDAIN, 2016, p. 398).

Quero contar tudo (BOURDAIN, 2016, p. 26).

Quem é que prepara a comida que você come? Que estranhas feras são essas que se escondem atrás da porta da cozinha? [...] Se o chef for meio parecido comigo, os cozinheiros serão um bando de mercenários desajustados, marginais motivados por dinheiro, pelo estilo de vida peculiar que vivemos e por um orgulho feroz (BOURDAIN, 2016, p. 87).

Virei uma espécie de garoto-propaganda do mau comportamento na cozinha (BOURDAIN, 2016, p. 19).

Incapaz de se relacionar com os outros, o arquétipo apresenta um caráter misantrópico, sombrio, antissocial:

O problema é que eu não sei, percebe, como é que uma pessoa normal age. Não sei como me comportar fora da minha cozinha. Não conheço as regras. [...] Certo, eu consigo botar um paletó, sair para jantar fora, ir a um cinema e até comer com garfo e faca sem constranger os anfitriões (BOURDAIN, 2016, p. 322).

Gente me deixa confuso. Comida não (BOURDAIN, 2016, p. 289).

O comportamento humano permanece um mistério para mim (BOURDAIN, 2016, p. 404).

Quando me vê pela primeira vez, a maioria das pessoas que leram este livro espera encontrar um cão selvagem, fedendo a salmão defumado, bêbado e falando um monte de merda. E se surpreendem, imagino, com o fato de eu

Lord Byron assombra a cozinha

conseguir comer sentado à mesa usando um garfo – **não que eu deixe de fazer insinuações sexuais**, ou que os pertences de todos permaneçam onde estavam quando cheguei (BOURDAIN, 2016, p. 399).

Outros traços marcantes no arquétipo incluem o cinismo cortante e o sarcasmo iconoclasta. Enquanto as epifanias culinárias dos outros *chefs* abordados nesta tese surgem de experiências infanto-juvenis que envolvem memórias cândidas e afetivas de um passado familiar, Lord Bourdain apresenta, ao seu leitor, um tipo inédito de chamado à vocação culinária:

E lá estava Bobby, diante de toda a brigada reunida, cavalcando ruidosamente a noiva pelo traseiro. [...] Enquanto o noivo e a família mastigavam felizes da vida seus filés de minguado, a noiva pudica recebia os cumprimentos de um estranho total. E foi então que eu soube, caro leitor, pela primeira vez: eu queria ser chef. (BOURDAIN, 2016, p. 49).

Outras características do anti-herói de Byron são a autocrítica, a depressão, a angústia, a falta de perspectivas, conflitos emocionais, tendências bipolares e um pessimismo em relação a si e ao ser humano:

Eu era uma desgraça, uma decepção para os amigos, para a família e para mim mesmo – as drogas e a bebida não estavam mais conseguindo espantar a frustração. (BOURDAIN, 2016, p. 206).

Não havia nenhuma única alma no horizonte capaz de (nos) fazer frente, era assim que víamos as coisas. [...] iria(mos) varrer do mapa todos os chefs europeus moribundos e estontear o planeta com nossa atitude americana (BOURDAIN, 2016, p. 167).

Minha carreira de chef andava em baixa. Eu estava queimado, após cinco anos de serviços prestados como chef não muito bom de restaurantes situados entre o inferno e o purgatório – fazendo tratamento de desintoxicação da heroína, ainda cheirando pó, quebrado -, reduzido a brunches num restaurante amadorístico ridículo do SoHo, onde eles servem bracciolle de leão, tigre, hipopótamo e outros animais mortos do zoológico. [...] Eu estava um bagaço, desesperado, infeliz, com uma reputação de medíocre-a-ruim e, tudo somado, “Pessoa-Não-Contratável-nem-Confiable” (BOURDAIN, 2016, p. 135).

Aprendi a reconhecer o fracasso (BOURDAIN, 2016, p. 181).

Parece-me um tanto suspeito e desonesto ganhar trocados escrevendo (BOURDAIN, 2016, p. 388).

A falta de empatia com os outros é também uma das marcas do arquétipo:

Vovó morreu? Enterre-a no seu dia de folga (BOURDAIN, 2016, p.376-383).

Se um período inesperado de desemprego o inspirar a pular de uma ponte, pendurar-se por uma corda no galho de uma árvore ou embocar um garrafão de desentupidor de pia, azar o seu (BOURDAIN, 2016, p. 324).

Lord Byron assombra a cozinha

Há, segundo Berllasi (2016), um certo pendor ao macabro e ao gótico nesse arquétipo, como forma simbólica de contemplação de todos os absurdos existenciais, de uma luta inflexível pela lucidez crua:

Aquela ave emplumada pendurada na porta, maturando a cada dia que passa, o corpo já pronto de cair podre? Eu quero experimentar (BOURDAIN, 2016, p. 110).

Nós adorávamos sangue em nossa cozinha. Se você se machucasse [...] comemorávamos o acontecimento (BOURDAIN, 2016, p. 172).

Também como parte desse modelo, Bourdain exhibe ostensivamente suas imperfeições. Seu personagem é um masoquista que se culpa publicamente e se autoflagela com acusações e arroubos ambíguos de consciência, confessando suas más ações com o mesmo orgulho que tem pelas boas:

Tive um encontro bem desconfortável com o Sombra anos depois. Me sinto meio culpado por causa deste capítulo. Ele claramente ficou bem chateado. Mas foi assim que aconteceu (BOURDAIN, 2016, p. 195).

Não roubei [mas] vale dizer (que), sarrupiei comida, entreguei um ou outro comprovante adulterado de despesas, afanei cerveja da cozinha. (BOURDAIN, 2016, p.376-383).

O herói byroniano também demonstra uma hipersensibilidade ferida, decorrente de processos dolorosos, como iniciação humilhante ou rejeições por parte da sociedade por alguma diferença e, por isso, constrói seu próprio mundo comportamental, onde o tamanho do ressentimento será proporcional às restrições que serão aplicadas ao mundo exterior. Essa mágoa emocional, segundo Berllasi (2016), pode estar escondida sob a couraça do cinismo filosófico e moral. A recusa em renunciar à autonomia individual pode estar profundamente enraizada na dor do fracasso, da rejeição, da humilhação, do sentimento de pouca valia:

Faz [...] vinte e seis anos desde minha humilhação na cozinha do Mário's (BOURDAIN, 2016, p. 387).

Como se a revelação não fosse penosa o bastante, como se eu não já tivesse engolido sapos o suficiente, outras humilhações estavam a caminho (BOURDAIN, 2016, p. 343-344).

Mas eu voltaria [...] faria idiotinhas como eu comerem o pão que o diabo amassou, do mesmo jeito que eles me fizeram comê-lo. Eles iam ver só (BOURDAIN, 2016, p. 62).

Eu sou apenas um cozinheiro à antiga com uma índole agressiva e um coração cheio de inveja (BOURDAIN, 2016, p. 347).

Lord Byron assombra a cozinha

Por outro lado, características positivas do herói byroniano incluem humor afiado, sofisticação, percepção aguçada, magnetismo, cultura geral, sedução, carisma, grande capacidade de adaptação, inteligência, lucidez:

Era agosto e o esqueleto esturricado do pinheiro do último Natal continua largado na sala de jantar escura e pouco usada. Tinha vergonha de colocar a árvore no lixo, não queria que os vizinhos vissem até onde eu caíra, quão paralisado me achava depois de muitos anos de abusos. No fim, minha mulher e eu acabaríamos fazendo um esforço heroico para nos livrar do objeto acusatório, serrando a árvore inteira como se fosse um cadáver, enfiando os pedaços em sacos plásticos e, um dia, altas horas da noite, descendo com ela alguns andares e largando tudo perto da porta de um traficante de cocaína. Deixei-o levar a culpa, pensamos (BOURDAIN, 2016, p. 207).

Todos os meus cozinheiros estavam crivados de tatuagens [...] suásticas [...] retratos de Nossa Senhora [...] de Ozzy Osborne [...] eram verdadeiras Capelas Sistinas da arte epidérmica. (BOURDAIN, 2016, p. 201).

Essa nova cultura de chefs celebridade é notável e francamente irritante. Apesar de ser uma coisa boa para os negócios - e para mim em termos pessoais - a ironia da situação é risível para quem conhece a coisa por dentro. Afinal de contas, de todos os tipos de profissionais, poucos são menos apropriados para os holofotes da opinião pública do que os chefs de cozinha. Uma noção que se perdeu nessa maluquice de cultura gourmet, nessa obsessão por chefs e restaurantes, é a de que cozinhar é difícil. (BOURDAIN, 2016, p. 17).

Considero meus anos todos cozinhando em restaurantes medíocres - mesmo no longo tempo em que passei drogado ou indo atrás de cocaína - uma boa preparação para a carreira no ramo do entretenimento. (BOURDAIN, 2016, p. 398).

Outra particularidade do herói byroniano coloca na luz um ser devotado a uma causa específica. Esta é, com efeito, uma das marcas mais admiradas da persona midiática de Bourdain pelo seu público. Bourdain se tornou o porta voz dos invisíveis: a “ralé” vilipendiada, mal paga e desprezada de trabalhadores hispanos, asiáticos e outras minorias exploradas pela indústria:

Uma coisa para ter em mente ao ver os chefs celebridades, quase sempre brancos, em aparições públicas ou eventos de premiação é que, na maioria das vezes, é por causa dos trabalhadores latino-americanos de seus restaurantes que eles estão lá [...] Como sempre, as pessoas que de fato preparam a comida permanecem invisíveis, desvalorizadas, anônimas e incompreendidas. [...] A empresa estava toda apoiada firmemente nos costados de uma ralé de equatorianos mal-pagos, assoberbados e subalimentados [...] com documentação mais que dúbia (BOURDAIN, 2016, p. 236).

Para Berllasi (2016), o modelo de Byron possui uma função que se baseia em dois fundamentos, que se aplicam ao caso de Bourdain. De um lado, o arquétipo confere, a Bourdain, licença para “romper com os códigos tácitos da hipocrisia social que o forçou

a reprimir sua verdadeira natureza” (p. 4). De outro, a reencarnação em Byron o encoraja a abraçar um “*ethos* libertário não idealista, aut centrado, egoísta, autopreservativo” (p. 4). Ao longo do tempo e das culturas, o herói byroniano provou ser um grande facilitador para aqueles que, como Bourdain, se identificam com ele em parte ou no todo. Como modelo inspirador, ele representa não apenas aqueles sujeitos prontos a se engajar em um estilo de vida transgressor, mas também aqueles dispostos a trair o estabelecimento no qual nasceram. Isso se aplica particularmente a Bourdain. Seu sarcasmo iconoclasta atraiçoa toda uma cultura à qual ele próprio pertence.

Além disso, Berllasi (2016) afirma que o estilo de vida nômade e solitária de Byron segue inspirando aqueles atraídos pela expatriação a praias mais exóticas, mas que não são tentados, na igual medida, a se tornarem nativos. Isso é fato em Bourdain, que age como um mero expectador desse mundo, um ser desenraizado, ensimesmado, desterritorializado, não pertencente a lugar algum:

Eu não vivo mais em lugar nenhum, sou um homem sem lugar fixo. Me sinto livre, por assim dizer, das complicações das relações humanas normais, indiferente à beleza, à complexidade e aos desafios de um mundo grande, maravilhosos e muitas vezes doloroso. (BOURDAIN, 2016, p. 404).

O mundo da cozinha não é meu mundo, contrariamente a qualquer impressão que eu possa ter dado nas páginas anteriores. (BOURDAIN, 2016, p. 331).

Estava condenado a me tornar um Sr. Remendão Itinerante (BOURDAIN, 2016, p. 183).

Eu bebia no Club Charles, um boteco vagabundo com uma clientela vagamente punk, ou assistia televisão em meu solitário quarto com vista (BOURDAIN, 2016, p. 189).

A liberdade enquanto condição suprema é uma das grandes forças do arquétipo. A transgressão, tanto em Byron quanto em Bourdain, está eminentemente ligada a uma “afirmação da agência humana autônoma através do exercício da lucidez absoluta, sendo esta última o único caminho para a dignidade humana diante da morte” (BERLLASI, 2016, p. 4). Para ela, a morte do herói byroniano, seja literal ou metafórica, ocorre como resultado de um controle social, ou, melhor, mediante a perda dele. Sendo a falta de liberdade uma forma de morte para o arquétipo, a morte real lhe é preferível. Desta forma, o byronismo, presente no personagem transgressor de Bourdain, pode ser lido como uma luta contra o aprisionamento da liberdade e das imposições de velhas estruturas sociais.

Conclusão

O modelo anti-heroico de Byron em *Cozinha Confidencial* reafirma a força renovadora, reciclável, transferível e adaptável da memória cultural e a indefectibilidade dos arquétipos humanos nas subjetividades do público. Em plena modernidade líquida de Bauman, o modelo se renova, reafirmando sua propensão ao lado mais sombrio do homem. O arquétipo fora-da-lei continua exercendo seu forte apelo, mesmo junto ao público contemporâneo. Seja em Bourdain, em Burroughs ou em vários outros escritores, o modelo de Byron transmite suas características definitivas aos heróis obscuros contemporâneos, nossas celebridades notórias. Através de Bourdain, Byron chegou à cozinha, talvez, para ficar.

Referências

BENDHIF-SYLLAS, Myriam. «Une histoire de l'écrivain maudit», **Acta fabula**, vol. 6, n° 2, Été 2005. Disponível em: <http://www.fabula.org/revue/document980.php>. Acesso em: 19 jun. 2019.

BERLLASI, Franca A. Burroughs's Re-Invention of the Byronic Hero. In: **CLCWeb: Comparative Literature and Culture**. Bruxelas: Purdue University Press, vol. 18, n. 5, p. 2-9, 2016.

BOURDAIN, Anthony. **Cozinha Confidencial**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Diefel; Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

BROENING, John. 10 years on, *chef* Bourdain's still dishing out. **The Denver Post**, 7 de junho de 2010. Disponível em: <https://www.denverpost.com/2010/06/07/10-years-on-chef-anthony-bourdains-still-dishing-it-out/>. Acesso em: 18 jun. 2019.

ROJEK, Chris. **Celebridade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

VIEIRA, William. Quem foi Lord Byron? **Revista Super Interessante**, 25 de fevereiro de 2011. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/os-malditos-don-juan-psicopata/>. Acesso em: 10 jun. 2019.

Sobre o autor:

Luciano Lunkes é Doutor em Memória Social e Bens Culturais pelo Unilasalle (Canoas, RS). Atualmente cursa Pós-doutorado em Memória Social e Bens Culturais na Unilasalle, Canoas, RS. E.mail: llunkes@hotmail.com